

CATULO: UMA NOTA INTRODUTÓRIA

Bárbara Elisa POLASTRI
Cláudia P. Fidelix de MORAES
Diogo Martins ALVES
Raquel FAUSTINO
(Orientadora): Profa. Dra. Patrícia Prata

RESUMO: O presente trabalho visa apresentar, sumariamente, o poeta lírico latino Caio Valério Catulo, expoente em seu período por apresentar uma obra que se tornou referência não apenas pela temática circunstancial de seus poemas (*nugae*), mas, acima de tudo, pela exaltação de Lésbia e do amor que o personagem Catulo a ela dedica, temática vil aos olhos dos tradicionalistas romanos, como Cícero. Ademais, os poemas V e LXXXV são apresentados, neste artigo, pelas traduções consagradas de Paulo Vasconcellos e João Ângelo Oliva Neto¹.

Palavras-Chave: Letras Clássicas, Latim, Catulo, traduções.

Introdução

Antes de iniciarmos, achamos conveniente fazer uma breve nota introdutória a este artigo. Tal trabalho, despretensiosamente, propõe uma rápida apresentação do poeta latino Caio Valério Catulo e sua obra. Trata-se de um texto simples e acessível àqueles que possuem interesse em conhecer o referido poeta. Dado tal objetivo, dividimos o presente texto em três partes: a primeira versa sobre sua vida, as tendências inovadoras da poética de seu tempo e sobre os poetas dessa nova tendência que foram agrupados por Cícero e denominados, desdenhosamente, como afirma Conte (1994: 136), *poetae noui* (“poetas novos”); na segunda parte, fazemos uma breve exposição de sua obra, além de discorrermos um pouco sobre Lésbia, a amada do poeta, como afirma Vasconcellos, “Catulo se celebrizou, sobretudo, pelos poemas em que canta o amor a essa mulher que chamou Lésbia”² (1991: 19); e na terceira, por sua vez,

¹ Vale lembrar que as edições em que estão presentes algumas das traduções estampadas neste artigo estão esgotadas. Oliva-Neto está preparando a segunda edição de seu livro, a qual trará mudanças no estudo introdutório e na tradução (desta, ele pretende retirar tudo o que não for elemento da época). Vasconcellos publicou novas versões de algumas de suas traduções, uma das quais (*Carmina V*) apresentamos aqui.

² Vale dizer que Catulo se celebrizou pelos poemas dedicados à Lésbia a partir do Romantismo. Em Quintiliano, quando este separa os autores gregos e romanos por gênero, Catulo é citado apenas como autor de jamba, i. é, de poesia de invectiva (X, 96); já no Renascimento, foi sua poesia satírica que teve maior destaque.

apresentamos os *carmina* V e LXXXV, dirigidos a Lésbia, dois dos poemas mais recorrentes em estudos sobre a obra catuliana.

Vale ressaltar, ainda, que esse artigo é resultado das pesquisas e leituras que estamos realizando para as disciplinas de Investigação Científica, Tópicos de Língua e Cultura Latina e de Estágio, a qual visa à produção de material para-didático dirigido ao ensino de língua e literatura latina.

I. Caio Valério Catulo

É incerta a data de nascimento de Gaius Valerius Catullus. São Jerônimo, baseado certamente em Suetônio, diz que “Catulo morreu aos trinta anos em Roma” (*Catullus XXX aetatis anno Romae moritur*) e, de acordo com Conte (1994: 142), fixa em 87 a.C. seu nascimento e a morte em 57 a.C. (ou 58 a.C. - ver: VASCONCELLOS, 1991: 11; PARATORE, 2002: 315; MERRILL, s.d.: xiv). Mas certas referências em seus poemas evidenciam que estava vivo em 55 a.C.³, o que faz alguns estudiosos preferirem estimar entre \pm 84 e 54 a.C. o período de sua vida (CONTE, 1994: 142; PARATORE, 2002: 316)⁴.

Ao que tudo indica, sua família era rica e poderosa, possuindo inclusive uma vila na região da Gália Cisalpina (hoje Verona), local onde moravam (BALME & MORWOOD, 1997: 102). Além disso, sabe-se que Júlio César tinha relações de amizade com a família de Catulo e costumava se hospedar em sua casa quando ia à região; esse seria mais um fator que indica a notabilidade da família do poeta. Acredita-se também que Catulo tenha ido cedo a Roma para estudar, tendo lá permanecido até o fim de sua vida.

O poeta viveu durante os últimos anos do regime republicano, época de guerras civis e turbulência social. São desse período, por exemplo, a Revolta dos escravos, liderada por Espártaco (73 a.C. – 71 a.C.), a Conspiração de Catilina (63 a.C.), o primeiro Triunvirato (60 a.C.) e as campanhas de César na Gália e na Britânia (58 a.C. – 55 a.C.). Em decorrência desse conjunto de fatores, houve, nesse período, uma efervescência cultural, típica de épocas

³. Como afirma Vasconcellos (1991: 11), em mais de um poema Catulo alude às façanhas de Júlio César na Britânia, país em que invadira em 55 a.C.

⁴. Cf. MERRILL, s.d.: xiv-xv (87 ou 84-54 a.C.); PESTALOZZA, 1922: 1-3 (87-54 a.C.); Pestalozza não faz referência a São Jerônimo, dá como certo o nascimento em 87 e a morte em 54, com 33 anos) e OLIVA NETO, 1996: 16 (entre 87 e 84 a 57 e 54 a.C.). Vasconcellos recua ainda mais no tempo a data de seu nascimento, propondo o ano de 52 a.C. (então, o poeta teria vivido entre 52 e 82 a.C.): “no terrivelmente sarcástico poema XXIX em que Catulo zomba ferozmente de César, Pompeu e Mamurra, o enriquecimento, enorme e desonesto, deste último, tornado possível pela exploração impiedosa das Gálias, data a composição de 53 ou 52a.C., pois é por volta dessa época que volta da província o lugar-tenente de César” (1991: 12).

socialmente conturbadas (OLIVA NETO, 1996: 16) e propícia ao surgimento de novas tendências poéticas.

1.1 Catulo e os *Poetae Noui*

Catulo fez parte de um grupo de poetas ao qual Cícero se referia pejorativamente como *poetae noui*, indicando sua preferência pelo tradicional. Em seu *Discurso em defesa do poeta Árquias*, argumenta que o melhor poeta é o que põe seu talento e sua obra, de forma direta, a serviço dos valores morais, em prol do bem-estar do Estado, diferentemente do que faziam os *poetae noui*. Esse termo remete tanto ao fato de se tratarem de poetas modernos quanto ao de serem jovens. Tal grupo, também chamado de *neóteroi* (termo grego para “juvenis”), unia-se, como comenta Vasconcellos (1991: 15), por ideais estéticos comuns como o rompimento com o passado literário romano, “representado pela tradução de *Odisséia* de Lívio Andronico (280-204 a. C.), pela *Guerra Púnica* de Névio (269-201 a. C.) e sobretudo pelos *Anais* de Ênio (239-169 a. C.)”⁵ (OLIVA NETO, 1996: 16). Também os unia o ideal de que a poesia pode elaborar toda e qualquer matéria, contanto que a *ars* do autor a transforme, o culto à poesia descompromissada, de circunstância, ou seja, às *nugae* (“bagatelas”, na tradução de Vasconcellos), em oposição à *grauitas* (temas mais sérios, como os retratados nas obras épicas), e a devoção ao *otium* que, de acordo com Conte (1994: 144), seria viver com intuito de desfrutar os prazeres da vida, dedicando-se à cultura, à poesia, à amizade e ao amor.

De acordo com Vasconcellos (1991), a geração de Catulo foi diretamente influenciada pela poesia helenística grega, na qual se verifica uma notável tendência ao diminuto, ao delicado. Dois dos maiores expoentes da literatura helenística são Apolônio de Rodes (295 a.C.- 215 a.C.) e Calímaco de Cirene (300 a.C. - 240 a.C.), poeta que repudia os poemas cíclicos, longos e de modelo homérico. Acredita-se que esses poetas tenham sido introduzidos em Roma em 73 a.C., por Partênio de Nicéia. Em Roma, então, essa nova tendência literária consolida a atividade poética como ideal em si mesmo e comprova que a finalidade da arte é provocar o prazer estético, sendo os demais valores subordinados a ela. Os *poetae noui* atuaram “elevando a forma literária a um grau de refinamento e elaboração jamais alcançado até aquele momento, na poesia latina” (VASCONCELLOS, 1991: 18), fazendo com que se abandonassem as preocupações nacionalistas e moralizantes. É interessante

⁵. Textos épicos que exaltavam as proezas de seus antepassados, zelosos de sua tradição patriótica.

observar que, apesar do refinamento, os poetas revelavam uma preferência pelos poemas mais curtos (*breuitas*).

II. Obra

A obra catuliana, a única dos *poetae noui* a que temos acesso hoje, consiste em poemas numerados até 116⁶ que foram reunidos em um único livro. Faz-se necessário, aqui, um esclarecimento: Catulo, em seu primeiro poema, explicita uma dedicatória de seu *libellus* ao historiador Cornélio Nepos, visto que este costumava “ver uma coisa qualquer nestas nugas”⁷ mas, de acordo com Conte (1994: 143), esse *libellus* não corresponde ao *liber* de Catulo que conhecemos hoje. Provavelmente, o livro dedicado a Cornélio refere-se somente aos sessenta primeiros poemas, tendo sido os demais poemas do autor reunidos postumamente. Ainda segundo Oliva Neto (1996: 35), é pouco provável que todos os poemas de Catulo conhecidos atualmente tenham composto esse *libellus*, visto que em sua obra encontramos poemas mais longos e elaborados que não poderiam compor um “livrinho” e que não poderiam ser chamados de *nugae*.

Os 113 poemas de Catulo a que temos acesso hoje são assim divididos pelos estudiosos: nos numerados de 1 ao 60 encontramos poemas sobre as *nugae*, de metro variado, com predominância de versos hendecassílabos; os poemas de 61 a 68 são denominados *carmina maiora*, *docta* ou *longiora* por serem mais longos e mais trabalhados; e, por fim, os de 65⁸ a 116 são epigramas em dísticos elegíacos que tratam de diversos temas, dentre eles a relação do poeta com Lésbia e com o jovem Juvêncio; nesta parte da obra catuliana encontramos também epigramas de invectiva, como por exemplo, contra César e Mamurra⁹.

⁶. Segundo Conte (1994: 143), os poemas 18, 19 e 20 dos 116 não eram de Catulo e, no século XIX, foram retirados de sua obra. Mas a numeração de 1 a 116 foi mantida mesmo após a retirada desses três poemas.

⁷. *Quoi dono lepidum nouum libellum/ Arida modo pumice expolitum?/ Corneli, tibi; namque tu solebas/ meas esse aliquid putare nugas.* (A quem dedico essa graça de livro/ novinho em folhas recém-buriladas?/ A ti, Cornélio, pois tu costumavas/ ver uma coisa qualquer nestas nugas – (Trad. OLIVA NETO: 1996: 67).

⁸. Os poemas LXV, LXVI, LXVII e LXVIII são classificados tanto como *carmina maiora* quanto epigramas em dísticos elegíacos.

⁹ São eles: *carmina* XXIX; XLI; XLIII; XCIV; CV; CXIV e CXV contra Mamurra e os *carmina* LIV e XCIII contra César.

2.1 Lésbia

Na obra de Catulo encontramos diversos poemas que retratam um caso de amor entre os personagens Catulo e Lésbia. Embora alguns estudiosos, como Conte, afirmem que se trata de poemas autobiográficos, não podemos afirmar que tipo de correlação há entre o personagem Catulo que aparece nos versos e o autor, ou melhor, o escritor Catulo.

O nome Lésbia é freqüentemente tido como um pseudônimo de uma amante de Catulo. O poeta Ovídio (43 a.C.- 17/18 d.C.) afirma nos *Tristes II* que Lésbia era um pseudônimo:

*Sic sua lasciuo cantata est saepe Catullo
Femina cui falsum Lesbia nomen erat.*
(Ov., *Tr. II*, v. 427-428)¹⁰

Assim foi freqüentemente celebrada em versos pelo lascivo Catulo
A mulher cujo pseudônimo era Lésbia.
(Trad. VASCONCELLOS, 1991: 19)

De acordo com Vasconcellos (1991: 19), Lésbia seria um pseudônimo para Clódia, pois era costume dos poetas eróticos da Antigüidade atribuir um pseudônimo à amada com o mesmo número de sílabas e com a mesma quantidade (duração das sílabas) do nome verdadeiro, para indicar a relação. Observe:

Lēsbīā — Clōdīā

O escritor satírico Apuleio (125 –180 d.C) afirma que Lésbia é um pseudônimo para Clódia.

Eadem igitur opera accusent C. Catul<l>um, quod Lesbiam pro Clodia nominarit, et Tigidam similiter, quod quae Metella erat Perillam scripserit, et Propertium, qui Cunthiam dicat, Hostiam dissimulet, et Tibullum, quod ei sit Plania in animo, Delia in uersu.

(Apuleio, *Apologia*, 10)

Portanto, da mesma forma acusem C. Catulo, porque a chamou de Lésbia ao invés de Clódia; e igualmente Tícida, pois escreveu Perila para aquela que era Matela; e Propércio, que disse Cíntia ocultando Hóstia; e Tibulo, pois ele deixou Plânia no espírito e Délia no verso.

Os estudiosos do poeta Catulo costumam apontar outra evidência de que Lésbia seria Clódia e, mais precisamente, a Clódia II, irmã do meio de Publius Clodius Pulcher; trata-se do *carmina* LXXXIX. Nesse poema, Catulo se dirige a

¹⁰. Texto latino, *apud* VASCONCELLOS, 1991: 19.

Lesbius, que seria um pseudônimo para Clodius da mesma forma que Lésbia seria para Clódia. Outro elemento a ser considerado é o adjetivo *pulcher* que faria referência ao sobrenome do irmão de Clódia.

*Lesbius est pulcer. quid ni? quem Lesbia malit
quam te cum tota gente, Catulle, tua.
sed tamen hic pulcer uendat cum gente Catullum,
si tria natorum suauia repperit.*¹¹

Lésbio é pulcro, não é? Lésbia o quer mais, Catulo
do que a ti, do que toda a tua gente
Mas que este pulcro venda Catulo a tua gente
se achar quem chegue até o terceiro beijo.

(Trad. OLIVA NETO, 1996: 148)

Segundo Conte (1994: 147), o nome Lésbia nos lembra a poetisa grega Safo, da ilha grega de Lesbos. De acordo com Vasconcellos (1991: 19), o poeta teria homenageado a poetisa escolhendo esse pseudônimo para a sua amada. Não seria, então, a primeira homenagem do poeta à poetisa grega, pois, como aponta Mulroy (2002: 39) as três primeiras estrofes do poema LI seriam uma tradução de um poema de Safo. O poeta também faz referência a Safo ao utilizar a mesma métrica¹² que a poetisa no poema XI. Sendo ou não um pseudônimo para a amada do poeta, através da obra de Catulo podemos descobrir uma história de amor entre Lésbia e Catulo¹³. Segundo Conte (1994: 147), o amor de Catulo por Lésbia começou baseado em Eros, ou seja, era um amor estritamente carnal; no entanto, esse amor acaba se tornando um sentimento mais elevado, revelando um amor puro e esperando fidelidade de sua amante. Mas Lésbia acaba por traí-lo, o que lhe causa uma repulsa inicial, que depois é substituída pelo sentimento contraditório de amá-la e odiá-la ao mesmo tempo, como nos mostram os poemas V e LXXXV, que serão apresentados a seguir.

III. *Carmina* V e LXXXV

*Vivamus mea Lesbia, atque amemus,
rumoresque senum seueriorum
omnes unius aestimemus assis.*

¹¹. In: OLIVA NETO, 1996.

¹². Os versos sáficos são compostos de 11 sílabas que se alteram entre 3 e 4 tempos, dispostos em troqueu (□), espondeu (~), dátilo (□ □), troqueu (~ □), troqueu (~ □) ou espondeu (~ ~), respectivamente.

¹³. Sendo este a *persona* Catulo, não necessariamente o autor Catulo.

*soles occidere et redire possunt:
nobis cum semel occidit brevis lux,
nox est perpetua una dormienda.
da mi basia mille, deinde centum,
dein mille altera, dein secunda centum,
deinde usque altera mille, deinde centum.
dein, cum milia multa fecerimus,
conturbabimus illa, ne sciamus,
aut ne quis malus inuidere possit,
cum tantum sciat esse basiorum.*

Vamos viver, minha Lésbia, e amar,
e aos rumores do velhos mais severos,
a todos, voz nem vez vamos dar. Sóis
podem morrer ou renascer, mas nós
quando breve morrer a nossa luz,
perpétua noite dormiremos, só.
Dá mil beijos, depois outros cem, dá
muitos mil, depois outros sem fim, dá
mais mil ainda e enfim mais cem - então
quando beijos beijarmos (aos milhares!)
vamos perder a conta, confundir,
p'ra que infeliz nenhum possa invejar,
se de tantos souber, tão longos beijos.
(Oliva-Neto, 1996: 71)

Vivamos, minha Lésbia, e amemos,
E as censuras dos velhos mais severos,
todas valham para nós um só centavo.
Os sóis podem morrer e renascer,
Nós, uma vez que morre a breve luz,
Uma só noite eterna dormiremos.
Me dá mil beijos, em seguida, cem,
depois mil outros e segundos cem,
e outros mil, sem parar, e depois cem,
então, quando somarmos muitos mil,
a conta embalharemos, não saibamos,
nem invejoso algum ponha olho gordo
quando saiba que tantos são os beijos.
(Trad. VASCONCELLOS, 2003:69)

De acordo com Francisco Achcar (1994: 74), o poema V se inscreveria no gênero *Carpe Diem*¹⁴, pois traz a idéia de que a vida é curta e então é preciso desfrutá-la ao máximo. O convite amoroso feito a Lésbia expressa de maneira significativa essa idéia de que eles devem se amar e não dar atenção ao que os outros dizem, pois a morte, que também em Homero aparece representada pela noite (*nox*), ao chegar lhes tira a possibilidade de desfrutarem desse amor.

Por tratar sobre temas banais (*nugas*), a escrita do poeta pode ser tida como simplista e descuidada, como se os poemas surgissem prontos na cabeça do poeta e ele não precisasse então burilar sua escrita. No entanto, como exemplificado por Conte (1994: 146), se observarmos o poema V podemos notar que o poeta intercala as palavras *deinde* e *dein* de maneira não casual,

¹⁴. O autor usa o termo criado pelo poeta Horácio para descrever uma idéia que seria universal. Segundo Achcar, os *tópoi* que compõem esse gênero já se encontram presentes em Homero.

criando um efeito sonoro em seu poema. A oposição entre *lux* (luz) e *nox* (noite) é reforçada pela oposição dos seus adjetivos, *brevis* e *perpetua*, e pela posição dessas palavras nos versos; *lux* aparece no final do verso, sendo que, segundo Vasconcellos (1991: 30), não era comum os poetas terminarem um verso com uma palavra monossilábica, e *nox* aparece no início do verso seguinte.

Não apenas no estilo, mas na temática de seus poemas, Catulo rompeu com a tradição antiga, ao assumir seu amor por Lésbia. Para os antigos romanos, o amor era como uma loucura que cegava a razão, chegando a ser considerado uma doença. A virilidade do romano estava ligada ao controle de seus instintos, e, uma vez sob o domínio do amor, tornava-se escravo, alienado, perdendo sua liberdade. A inconstância dos sentimentos de Catulo por Lésbia, expressa ora por alegria, ora por desespero e ódio, ilustra esse estado que os romanos condenavam, chegando a ser paradoxal, como no poema LXXXV:

*Odi et amo. Quare id faciam, fortasse requiris.
Nescio, sed fieri sentio et excrucior.*

Odeio e amo. Talvez me perguntes por que faço isso.
Não sei, mas sinto que acontece e me torturo.
(Trad. VASCONCELLOS, 1991: 65)
Odeio e amo. Talvez queiras saber “como?”
Não sei. Só sei que sinto e crucifico-me.
(Trad. OLIVA NETO, 1996: 150)

As antíteses presentes nos versos denotam o desajuste do poeta, e as contradições de seus sentimentos assumem um caráter paradoxal, perturbador. Não se trata, apenas, de pares antitéticos dispostos para exercer a simples função de contraposição em seu poema, Catulo arranja os termos de forma a se complementarem, tornando-os mais expressivos.

Como analisado por Vasconcellos (1991: 22), o poema é apresentado por oito verbos e nenhum substantivo. A elisão presente entre os dois primeiros verbos (*O/diet/amo*) sugere a junção de sentimentos tão díspares numa única unidade, indicando, assim, o estado contraditório ao qual está subjugado o poeta.

Vasconcellos nos lembra, ainda, que o uso do termo *facere*, verbo ativo, pressupõe uma “vontade ativa, uma participação voluntária no conflito emocional” (1991: 22). Contudo, os termos subseqüentes (*Nescio, sed fieri*) sugerem a impossibilidade de explicação, uma vez que *isso* acontece (*fieri*)¹⁵.

Os pares antitéticos se dispõem ao longo do poema (*odi-amo; nescio-sentio; faciam-fieri*), e através de seus contrastes se configura a densidade

¹⁵. Nesse caso, o verbo *fieri* nos indica que o sentimento do poeta é independente de sua vontade pessoal, impossibilitando-o de explicá-lo. (Vasconcellos, 1991: 22).

poética (VASCONCELLOS, 1991: 21). Por fim, Catulo fecha seu poema com o verbo *excrucior* que significa, literalmente, “submeter ao castigo da cruz”. Como tal pena era reservada aos escravos, o termo demonstra o quão vil Catulo se considera por conta de seu amor, que lhe roubou a razão, a ponto de se “torturar”, e por ser, ao mesmo tempo, o causador e a vítima de seus sentimentos.

Como é possível observar pelas leituras dos poemas propostas anteriormente, Catulo é um poeta cuja relevância se manifesta pela ruptura com o passado literário romano, tanto no que diz respeito ao fazer poético quanto no que diz respeito à temática abordada. Sua importância também foi relevante devido à influência que exerceu em autores posteriores, como Virgílio e Marcial, além de já em sua época ter sido reconhecido pelos seus poemas, embora o juízo de valor sobre eles divergisse dentre os contemporâneos do autor.

Procuramos, assim, mostrar brevemente em nosso artigo os aspectos mais importantes de sua vida, embora não muito se saiba a esse respeito, assim como expor a tradição literária em que ele se inseria e também a obra de sua autoria que perpassou a Antigüidade e chegou até nós.

Referências Bibliográficas:

- ACHCAR, F. (1994). *Lírica e Lugar comum – Alguns temas de Horácio e sua presença em português*. Editora da Universidade de São Paulo, SP.
- APULÉE. (1971). *Apologie; Florides*. Texte établi et traduit par Paul Vallette. Les Belles Lettres, Paris.
- BALME, M. & MORWOOD, J. (1997). *Oxford Latin Reader*. Oxford University Press, Inglaterra.
- BIELER, L. (1987). *Historia de la Literatura Romana*. Editorial Gredos, Espanha.
- CATULO. (1991). *O Cancioneiro de Lésbia*. Introdução, tradução e notas de Paulo Sérgio Vasconcellos. Editora Hucitec, SP.
- _____. (1996). *O Livro de Catulo*. Introdução, tradução e notas de João Ângelo de Oliva Neto. Editora da Universidade de São Paulo, SP.
- _____. (s.d.). *Catullus*. Edited by Elmer Truesdell Merrill. Cambridge: Harvard University Press.
- CATULLE. (1984). *Poésies*. Texte établi et traduit par Georges Lafaye. Les Belles Lettres, Paris.
- CONTE, G. B. (1994). *Latin Literature – a history*. The Johns Hopkins University Press, Inglaterra.
- KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. V. (editores). (1996). *The Cambridge History of Classical Literature*. Cambridge, Inglaterra.
- MULROY, D. D. (2002). *The Complete Poetry of Catullus*. Univ of Wisconsin Press, Estados Unidos.
- OVIDE. (1987) *Tristes*. Texte établi et traduit par Jacques André. Les Belles Lettres, Paris.
- PARATORE, E. (2002). *La letteratura latina dell'età repubblicana e augustea*. Milano, Rizzoli.
- VASCONCELLOS, P. S. (2003). “Carmina 5 e 16 – Catulo”, in: *Revista de Tradução Modelo 19*, ano 8, n. 14. UNESP, Araraquara.